

O PAPEL DOS DIRIGENTES NO CONTEXTO HISTÓRICO DO VOLEIBOL FEMININO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Profa. Juliana Martins Pereira
Universidade Estadual Paulista, Departamento de Educação Física
NEPEF/Rio Claro, LESCHEF/Bauru
Faculdades Integradas de Bauru e Universidade Paulista/Bauru
Profa. Dra. Dagmar Hunger
Universidade Estadual Paulista, Departamento de Educação Física
NEPEF/Rio Claro, LESCHEF/Bauru

I - Introdução

Le Goff (1992, p.5) explicita que o estudo da memória social é um dos meios mais importantes para abordar os acontecimentos do tempo e da história, e afirma: “*a memória é um admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras*”. Assim sendo, a presente pesquisa objetivou compreender a trajetória histórica do Voleibol Feminino na cidade de São José dos Campos-SP, como parte do fenômeno social denominado esporte, averiguando-se a formação e atuação dos profissionais responsáveis pelas equipes de Voleibol Feminino (dirigentes) do município.

A história do tempo presente, de acordo com Amado e Ferreira (1996, p. 207-15): “*Não é a busca desesperada de almas mortas, mas um encontro com seres de carne e osso, que são contemporâneos daquele que lhes narra a vida [...] é a história que vivemos, faz parte de nossas lembranças e de nossa experiência*”.

Considerando-se tais pressupostos e mediante indagações do presente, propôs-se pesquisar, registrar e preservar a memória do Voleibol Feminino em São José dos Campos, da década de 40 até 2000, a fim de identificar a atuação de “agentes sociais” específicos (dirigentes) que participaram desse processo de “esportivização”.

A realização da pesquisa justifica-se, pois, no meio acadêmico da Educação Física, discussões referentes à formação profissional e campo de trabalho são freqüentes, especialmente, em decorrência do Parecer do Conselho Federal da Educação n. 215/87, da Lei de Diretrizes e Bases e das Novas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Educação Física. Observa-se, ainda, neste amplo mercado de possibilidades, um descompasso no que se refere à formação de profissionais para atuar com o esporte de competição, principalmente quando se depara com o contexto que, na atualidade, exige comissão técnica profissional, que tenha condições de responder a configuração mundial do esporte.

Mediante tais considerações, indaga-se: como se apresenta o Voleibol Feminino em São José dos Campos quanto aos seus dirigentes? Hoje, a administração de equipes esportivas superou seu estágio amador? Para refletir sobre essas questões, apresentam-se, a seguir, o referencial teórico e a

metodologia utilizada, bem como revisão da literatura e análise dos depoimentos coletados.

II - Referencial teórico

Adotou-se como referencial teórico o “conceito de campo”, de Bourdieu (1983, 1992). Para o autor (1983, p. 89): *“campo se define como o locus onde se trava uma luta concorrencial entre os autores, em torno de interesses específicos que caracterizam uma área em questão”*.

Portanto, não é resultado de ações individuais. Dentro da especificidade de cada campo há diferentes formas de disputas em torno de interesses comuns àqueles que o constituem, e que caracterizam a cumplicidade existente em seu interior. Acredita-se que, para a compreensão de um determinado “subcampo”, ou seja, de uma modalidade esportiva, é necessário reconhecer sua posição no campo esportivo e relacioná-lo ao espaço social em que se manifesta.

Bourdieu (1992) afirma que a história do esporte é parcialmente autônoma, ou seja, tem leis, crises e dificuldades próprias, ao mesmo tempo em que se relaciona com acontecimentos políticos, econômicos e socioculturais do período histórico em que se situa. Portanto, o “mundo dos esportes” não está fechado em si mesmo, depende de sua sociedade e de seu tempo. Diz, ainda, que as origens de uma modalidade esportiva influenciam sua configuração atual, daí a importância de conhecer a história do Voleibol Feminino e sua evolução para compreender sua caracterização.

III - Metodologia

Utilizou-se o método de abordagem histórico - a história do tempo presente - objetivando analisar a participação dos dirigentes esportivos no desenvolvimento do Voleibol Feminino, bem como o contexto histórico que contribuiu para a evolução desse esporte em São José dos Campos.

A pesquisa é de natureza qualitativa, que, de acordo com André (1995, p.27): *“ é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural. Se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa, defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, considerando [...] os componentes de uma situação, com suas alterações e influências recíprocas”*.

Ao realizar revisão da literatura, constatou-se escasso material bibliográfico e, no município localizaram-se somente fontes jornalísticas, optando-se, então, pela realização de entrevistas semi-estruturadas, com dois técnicos, três dirigentes, três ex-atletas e quatro atletas.

Le Goff (1992) acredita no valor da fonte oral, e afirma que, uma vez sistematizada, contribui para que histórias passadas não se percam. Destaca, ainda, que depoimentos legitimam-se como fontes históricas, fornecem dados ausentes na literatura e permitem novas análises e nova documentação, contribuindo para a preservação da memória de determinado grupo social e período histórico.

Apresenta-se, a seguir, revisão da literatura referente à história da modalidade esportiva Voleibol, formação e atuação profissional de dirigentes esportivos. Na seqüência aborda-se, mediante os depoimentos, o Voleibol Feminino em São José dos Campos e a participação dos

dirigentes esportivos nesse percurso histórico.

IV - Voleibol

De acordo com Guilherme (1979), o Voleibol foi desenvolvido a partir de 1895 por Willian C. Morgan, diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços em Holyoke, Massachussets, EUA. Caracterizava-se como atividade recreativa para sedentários e executivos que não tinham condição física para jogar Basquetebol. Foi originalmente chamado de “Minonette”, mas teve seu nome substituído por Voleibol, já que a função básica do jogo era “volar” a bola sobre a rede. Tornou-se popular nos Estados Unidos e disseminou-se para outros países.

De acordo com Marchi Jr (2000), as regras do Voleibol modificaram-se, tornando-o mais competitivo e, hoje, a Federação Internacional de Voleibol é a principal responsável pelo seu desenvolvimento.

No que se refere à introdução do Voleibol no Brasil, o autor afirma que ocorreu em 1916, por intermédio da Associação Cristã de Moços, em São Paulo. Em 1944, foi realizado o primeiro Campeonato Brasileiro e em 1951 foi criada a Confederação Brasileira de Voleibol. Nessa época sua prática era totalmente amadora. Em 1975, Carlos Arthur Nuzman assumiu a presidência da Confederação Brasileira de Voleibol, e atraiu empresas para a modalidade, possibilitando seu aprimoramento, em decorrência de produção tecnológica e novos conhecimentos científicos.

Não foi localizado registro histórico da data em que o Voleibol passou a ser praticado pelas mulheres, no entanto, acredita-se que a emancipação feminina (século XX), em meio às revoluções industrial, econômica, política e sociocultural, relatadas por Hobsbawm (1992), possibilitou a participação da mulher na prática do esporte e, conseqüentemente, do Voleibol.

Marchi Jr (2000) destaca que, até 1981, a equipe peruana dominava o Voleibol Feminino na América do Sul. Em 1990, o Brasil começou a se destacar, e desde então enfrenta, com um mesmo nível de performance, adversárias asiáticas, européias e americanas, firmando-se como uma das forças do Voleibol na atualidade.

V - Formação e atuação profissional de dirigentes esportivos

A resolução n. 46/02, do Conselho Federal de Educação Física, que dispõe sobre a intervenção do profissional de Educação Física, suas competências e campos de atuação profissional, afirma que a *“atividade física e o desporto constituem fenômeno educativo e sociocultural de valor inquestionável, desde que atenda ao requisito de ser conduzido, orientado e ministrado por profissionais qualificados e habilitados”*.

Nesse documento, são especificadas as funções que devem ser exercidas por profissionais de Educação Física, dentre elas: treinamento esportivo e gestão em Educação Física e desporto (definida como diagnóstico, identificação, planejamento, organização, supervisão, coordenação, execução, direção, assessoria, programação, desenvolvimento, prescrição, prestação de consultoria,

orientação, avaliação e aplicação de métodos e técnicas de avaliação na organização, administração e/ou gerenciamento de instituições, entidades, órgãos e pessoas jurídicas cujas atividades fins sejam atividades físicas e/ou desportivas).

De acordo com tais definições, observa-se que o dirigente esportivo deve ser profissional da área da Educação Física e Esportes, preocupação que ainda não se afirmou como exigência prioritária no cotidiano das equipes esportivas. Bechara (1993) considera possível modificar o estilo de administração esportiva, desde que aja um trabalho de reconstrução no esporte e nos cursos de graduação em Educação Física. Propõe, para que se atinja a qualidade esportiva, uma educação moral dos dirigentes, que deverão dispor de conhecimentos na área de administração e marketing, além da Educação Física e do Esporte.

Em pesquisa realizada no Rio de Janeiro, por Amaral (1993), dirigentes esportivos afirmaram não estar preparados para a função. Conseqüentemente, acreditam que suas perspectivas são limitadas e que profissionais atualizados poderão realizar trabalho mais eficaz.

Cunha (1988), ao propor novos valores para o esporte profissional, enfatiza a necessidade de reforma permanente, objetivando o desenvolvimento qualitativo, a descentralização, o esporte dirigido, fomentado e planejado por pessoas que vivenciam o cotidiano da competição. Salienta-se também, a necessidade de educação continuada dos “agentes do desporto” (praticantes, técnicos, dirigentes, árbitros etc). Ao focar o futebol profissional, o autor cita casos de corrupção e desorganização e afirma que seriam os dirigentes responsáveis por conscientizar, estimular e revitalizar todo o sistema que envolve essa prática.

Observando-se tais estudos, a necessidade de repensar a formação profissional dos dirigentes esportivos e de analisar os currículos dos cursos de graduação em Educação Física é evidenciada, com o objetivo de atrair profissionais interessados pela administração esportiva e corresponder às suas expectativas de formação, para suprir a demanda estabelecida e implantar assim o “profissionalismo esportivo”.

VI - São José dos Campos: história, voleibol feminino e o dirigente esportivo

A cidade completou, em 27 de julho de 2002, 235 anos e tem aproximadamente 650.000 habitantes. Segundo Agê Jr (1978), originou-se de uma aldeia de índios Guaianazes fundada por José de Anchieta. Foi estância hidromineral para o tratamento de tuberculose na mesma época em que se tornou base da economia paulista por meio da cultura de café. No entanto, com a abertura da Via Dutra, em 1951, se tornou centro industrial e, por localizar-se entre São Paulo e Rio de Janeiro, teve seu comércio favorecido (Prefeitura Municipal, 1998).

Referindo-se ao esporte, a cidade obteve conquistas no Basquetebol Masculino (Tênis Clube e Associação Esportiva), Futebol Masculino (São José Esporte Clube), Voleibol Feminino (Associação Esportiva e Tênis Clube) e Natação (Associação Esportiva).

Para discutir a participação dos dirigentes na constituição do Voleibol Feminino em São José dos Campos, inicialmente contextualizou-se a história dessa modalidade, para posteriormente evidenciar o problema em questão. Apresenta-se a seguir, análise das entrevistas, autorizadas para publicação.

➤ **Identificação dos Entrevistados**

1) Ex-atletas: Maria Mércia Hirata de Moraes - década de 60, Tereza Helena do Egito - décadas de 50 e 60, Daniela Helena Gerônimo - final da década de 80 e década de 90; 2) Atletas (estavam atuando até a conclusão da pesquisa – 2000): Alessandra Pinheiro, Maria Aparecida dos Santos Mangabeira, Janicéia de Souza Grigi, Tatiana Aparecida Teixeira; 3) Técnicos: Luis Carlos Giudice Andrade - décadas de 80 e 90, Paulo Antônio de Amorim Manuel - 1997 a 2000; 4) Dirigentes: Eliseu dos Santos - 1978 até a conclusão da pesquisa, Ahed Said Amim - de 1967 a 1987, Celso Paiotti – de 1970 a 1982.

➤ **Origens do Voleibol Feminino no município**

De acordo com Martins Pereira e Hunger (2000), na década de 40, a equipe da Associação Esportiva São José começou a praticar Voleibol, Basquetebol e Atletismo. Ao destacarem-se no Basquetebol, relegaram as outras modalidades a um plano secundário, de forma amadora, sem participações em campeonatos. Foi o início do Voleibol Feminino em São José dos Campos, que iria dar origem a uma equipe competitiva na década de 60.

➤ **Treinamentos, lesões e profissionais**

Maria Mércia Hirata de Moraes destacou que, na década de 60, o técnico Wilson Bombarda iniciou treinamento especializado com a única equipe de Voleibol Feminino da cidade, que participava dos campeonatos infanto-juvenis e adultos.

De acordo com Tereza Helena do Egito, as principais diferenças entre os treinamentos na década de 50 e os treinamentos atuais são os recursos, a conscientização do trabalho e os patrocínios, que possibilitam às atletas dedicação total ao esporte. Na sua avaliação: *“Eu acho que é bom tudo que tem de novo, mas o atleta precisa estar disposto a só jogar Voleibol a vida inteira. Na hora que ele se machuca ou quando ele tem que ficar parado, ele fica meio desnorteado”*.

Essa constatação foi confirmada pelas atletas do Tênis Clube, uma vez que as lesões são frequentes no esporte de rendimento. Janicéia de Souza Grigi afirmou: *“Em 95, em Serra Negra, quebrei meu tornozelo, coloquei três pinos, fiquei quatro meses parada, mas não fiz tratamento para essa lesão. Tive que treinar, começar do zero novamente...”*. Ainda como exemplo do prejuízo causado à saúde das atletas pelo excesso de treinos, Maria Aparecida dos Santos Mangabeira relatou: *“Tenho lesão no ombro, tendinite e bursite crônica. Fiz tratamento oito meses, parei de jogar, mas, não adiantou; eu continuo com dor”*.

Constatou-se que, há três décadas, as lesões aconteciam acidentalmente, e não por excesso de

treinos, como afirmou Maria Mércia: *“Eu tive uma lesão, foi uma vez que nós chegamos atrasados num jogo e eu saía no saque, não tive tempo de fazer o aquecimento, dei um saque e me contundi na coluna”*.

O técnico Luis Carlos Giudice Andrade afirmou que seus treinamentos realizavam-se diariamente, por até cinco horas, no entanto a exigência de desempenho não era extenuante. Diz ele: *“a característica do meu trabalho sempre foi de ausência de comissão técnica, então eu era obrigado a trabalhar um tempo maior e resolver todos os problemas praticamente sozinho”*. O mesmo aponta o técnico Paulo Antônio de Amorim Manuel, que considera boa a estrutura para a realização dos treinamentos, mas admite falha no que se refere à comissão técnica: *“A condição material é muito boa, o ginásio é legal, material tem em abundância, mas eu sou carente de profissionais de suporte, da área de parte mental, psicológica, mesmo de preparação física...”*.

Os depoimentos apontam evolução, do início da modalidade até os dias atuais, no entanto observa-se dificuldades financeiras e ausência de dirigentes esportivos com formação específica. De acordo com Ahed Said Amim: *“O professor de Educação Física, com alguns cursos, um curso na área de administração, parte psicológica, social, ele é um profissional qualificado para isso. Mas não basta ser professor de Educação Física, tem que ter especialização e ter um perfil...”*.

Como se observou nos depoimentos, ainda hoje os dirigentes não são remunerados para administrarem as equipes do município e não têm formação profissional específica, continuando da mesma forma há 50 anos.

➤ **Patrocínios e remuneração**

Maria Mércia relata que quando a equipe disputava algum campeonato, a Federação Paulista de Voleibol “patrocinava” as viagens de trem e a prefeitura responsabilizava-se pela alimentação. As atletas jogavam por prazer, já que não eram remuneradas, como aponta Tereza: *“A gente recebia a camiseta, o shorts, mas não existia patrocínio. A gente não recebia tênis, joelheira. Tudo que precisasse a gente comprava, não tinha facilidade de ter um patrocínio, a gente não tinha”*.

Maria Mércia destaca que: *“existiam pessoas abnegadas, pais de atletas, pessoas da sociedade que, por uma questão de identificação com o esporte e de carinho com a cidade, investiam da maneira que podiam. Nenhum incentivo financeiro, diretamente não”*.

Apenas a partir de 1995, com a criação do Fundo de Apoio ao Desporto Não Profissional, pela secretaria de esportes da prefeitura, iniciou-se um processo mais intenso de “profissionalização”, com a remuneração das atletas, que acontece até hoje.

Daniela salienta o patrocínio da empresa de turismo e transportes Trans1000, considerando-o um incentivo para a equipe do Tênis Clube: *“O que mais marcou na época foi em São José, que não tinha patrocínio, era uma hora agência de turismo, outra hora escola, e veio o patrocínio da Trans1000. Eles começaram dando muito incentivo, uniforme novo, bola nova, foi importante”*.

Ela explica que as atletas não solicitavam nenhum tipo de incentivo financeiro, mas: “... *hoje, se você quer disputar os Jogos Regionais, quer chamar um timinho aí, ninguém vai de graça, são poucas as que vão de graça. Pede pelo menos uma ajuda, isso é verdade*”.

Os dirigentes Ahed e Celso Paiotti enfatizaram a característica familiar do Voleibol quando acompanhavam as equipes. As atletas eram de São José dos Campos, reveladas nos clubes, escolas e centros comunitários. O que acontece atualmente são contratações de atletas de outras localidades, que buscam remuneração e sucesso profissional, sendo que o amor pela cidade e o próprio amor pelo esporte ficam em segundo plano.

Outro ponto destacado nos depoimentos foi a não remuneração dos dirigentes, como enfatizou Celso: “*Não teve remuneração, você não poderia ser só dirigente, tinha que trabalhar. Infelizmente isso não foi modificado. Hoje, se não profissionalizar, se não tiver um responsável sem vínculo afetivo [...] Em todos os lugares, não tinham dirigentes profissionais, eram advogados, donos de empresas. Se me convidarem pra fazer o que eu fiz, se não for ter um salário, não vou me meter*”.

➤ **A formação profissional dos dirigentes esportivos do município**

Apenas um dos dirigentes, Eliseu dos Santos, é Licenciado em Educação Física. Concluiu o curso em 1978 e desde então trabalha na Prefeitura de São José dos Campos. Os outros dois dirigentes, Ahed e Celso não têm formação específica em Educação Física e Esportes. Ambos afirmaram que o interesse pela função deveu-se mais à afinidade pessoal com o esporte do que por considerarem sua formação adequada.

De acordo com seus depoimentos, a administração esportiva configurava-se de forma amadora, e, quando não era exercida pelo técnico da equipe, ficava sob a responsabilidade de pessoas que se identificavam com a modalidade, muitas vezes pelo fato de serem pais das atletas.

➤ **Participação dos dirigentes nas equipes de voleibol do município**

De acordo com Maria Mércia, o técnico responsabilizava-se por todas as funções da equipe. Em suas palavras: “... *onde eu pratiquei existia o técnico que fazia tudo. Ele era o relações públicas, agendava os jogos, ia atrás de patrocínio...*”. Celso concorda, e enfatiza a diferença existente entre a época que acompanhou e os dias atuais: “*Fazíamos o time de Vôlei apenas com o técnico, ele era tudo, hoje você não faz um time sem comissão técnica, tem que ter essa estrutura*”.

Tereza afirma que quando era atleta não se preocupava com a questão do dirigente esportivo, mas, como espectadora, se preocupa com a idoneidade desses administradores, pois são eles os responsáveis pela parte financeira das equipes, e muitas vezes, não estão preparados para a função. A atleta Maria Aparecida ressalta: “*Tem alguns dirigentes que são bons, mas tem outros que são meio sacanas, alteram folha de salário de várias atletas*”.

Tatiana complementou dizendo que o dirigente deve resolver questões relacionadas ao bem-estar das atletas, como salário e moradia, e, se ele não for competente, pode prejudicar o

desempenho da equipe. Alessandra Pinheiro acredita que, com equipes mais organizadas e dirigentes profissionais, tais questões seriam resolvidas rapidamente.

Ao expressar sua opinião, o técnico Luis Carlos foi enfático: *“Eu acho que não existem dirigentes, existe um número muito grande de pessoas mal preparadas [...] O esporte fica na mão de oportunistas”*. Acredita que o problema não se resume aos dirigentes, mas também as escolas de Educação Física, que não têm cursos para prepará-los. Em suas palavras: *“O dirigente tem uma parcela de culpa, os clubes têm uma parcela de culpa por contratarem pessoas que não têm capacidade, mas as faculdades também poderiam preparar melhor a pessoa que vai trabalhar”*.

O técnico Paulo concorda com a necessidade de profissionalização: *“Eu acho que a maioria dos dirigentes são abnegados, não são profissionais habilitados, fazem a coisa na base da emoção, e o profissionalismo fica de lado. Eu entendo que precisa formar-se dirigentes para o Voleibol Feminino”*.

Ahed e Celso concordam com essa afirmação e enfatizam que, quando exerciam a função de dirigentes, chegaram a oferecer a própria casa para abrigar atletas, até que o clube tivesse condições de alugar moradia adequada.

Em suma, ressalta-se que a principal preocupação dos dirigentes se refere ao caráter amador que permanece no Brasil, com relação à administração de equipes esportivas, ao passo que atletas, ex-atletas e técnicos atentam para a necessidade de postura ética, honestidade e profissionalismo daqueles que se propõem a organizar as equipes de Voleibol Feminino.

VII - Considerações finais

Inspirando-se em Bourdieu (1992), observou-se que o surgimento e desenvolvimento do "subcampo" Voleibol Feminino em São José dos Campos possui características próprias, articuladas aos aspectos culturais, econômicos e políticos da sociedade. Constatou-se que, desde sua introdução no município, esse esporte vem se configurando de acordo com o ritmo sociocultural e as regras do mercado capitalista.

Hoje, o esporte apresenta uma dimensão competitiva que vem se aprimorando com o desenvolvimento tecnológico e surgimento de laboratórios de ciências do esporte. Objetiva-se a performance máxima do atleta, chegando ao ponto em que o próprio ritmo de treinamento desmistifica o esporte como componente de uma “vida saudável”. Como consequência, observa-se o surgimento da “profissão atleta”, devido principalmente à entrada de patrocinadores no meio esportivo. Hoje, atletas são consideradas profissionais desde as equipes de base, apresentando nova concepção de Voleibol Feminino, que deixou de ser um esporte amador para se tornar “profissional”. Mas, ainda no presente, encontram-se dificuldades para que se garanta regularidade no desempenho e manutenção das equipes, devido especialmente à instabilidade econômica do país, política esportiva e formação especializada de treinadores e dirigentes.

Evidenciou-se, na presente pesquisa, a necessidade de formação adequada para os profissionais que atuam nesse “universo esportivo”, uma vez que, questões financeiras são mais valorizadas que o amor pelo esporte e pela equipe, suficientes para a prática esportiva até a década de 70.

Concluiu-se que o contexto esportivo exige profissionais preparados para administrar as equipes, constituindo assim um "novo" campo de atuação que irá se estabelecer à medida que os cursos de preparação profissional em Educação Física e Esporte atentarem para essa questão, bem como quando os clubes e patrocinadores passarem a exigir e acompanhar a atuação desses profissionais.

Enfim, pôde-se inferir que o contexto econômico e político da atualidade e as regras do universo esportivo influenciam diretamente na formação e permanência de equipes esportivas, ressaltando assim a necessidade de gestores profissionais, com competências relacionadas tanto à Educação Física e ao Esporte quanto à administração e marketing, para adaptação das equipes de Voleibol Feminino de São José dos Campos ao contexto do esporte de alto nível.

VIII - Referências bibliográficas

- AMARAL, J. A. da S. **Formação administrativa e perspectivas profissionais dos dirigentes esportivos** (dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1993.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BECHARA, M. A. **Qualidade Esportiva: proposta de transformação nas relações das Federações Esportivas** (dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1993.
- BONDESAN, A. **São José de ontem e hoje**. São José dos Campos, SP: Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 1967.
- BOURDIEU, P. **O campo científico**. São Paulo: Ática, 1983
- _____. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1992.
- BRASIL, **Resolução CONFEF n. 46/2002**. Conselho Federal de Educação Física, 2002.
- CUNHA, M. S. V. da O dirigente esportivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.9, n.2, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1988.
- DOCUMENTÁRIO. **São José em dados**. São José dos Campos, SP: Prefeitura Municipal, 1998.
- GUILHERME, A. **Voleibol - à beira da quadra**. São Paulo: Brasipal, 1979.
- HOBSBAWN, E. J. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- JÚNIOR, A. **São José dos Campos e sua história**. São José dos Campos, SP: Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 1978.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1992.
- MARCHI JR., W. **A grande “sacada” do Voleibol: Uma análise sociológica sobre o desenvolvimento da modalidade no Brasil no período de 1970 a 2000**. Texto preliminar de tese apresentado ao grupo de pesquisa em história do esporte, lazer e Educação Física. Campinas: Unicamp, 2000.
- MARTINS PEREIRA, J. e HUNGER, D. **O Voleibol Feminino em São José dos Campos: A história por trás dos troféus**. Relatório científico final apresentado à comissão permanente de pesquisa da Faculdade de ciências, Bauru: Universidade Estadual Paulista "Júlio de mesquita Filho", Bolsa de iniciação científica PIBIC/CNPq, 1999-2000.